

UMA VIDA EM MOSAICO

ECO, Umberto.

A Misteriosa Chama da Rainha Loana. Romance Ilustrado.

Rio de Janeiro: Record, 2005.

Resenhado por LUCILIA DE ALMEIDA NEVES*

O caráter coletivo da memória encontra na literatura terreno fértil para sua expressão. Literatura, memória e história estabelecem, inúmeras vezes, diálogos instigantes, que proporcionam aos leitores de romances, biografias, memórias, crônicas e poemas, saborear paisagens temporais de diferentes gerações.

Os livros de teor autobiográfico são como viagens por alamedas de lugares plenos de significado para seus autores e companheiros de geração e registram em suas narrativas uma poética viva do processo relacional entre presente e passado. Relação, na maioria das vezes, marcada pela tensão entre o lembrar o esquecer. Entre o mergulhar e o projetar. São as dinâmicas e os fluxos temporais em fértil diálogo.

O novo livro de Umberto Eco, *A Misteriosa Chama da Rainha Loana – Romance Ilustrado*, é uma criação literária rara, marcada por

singular emoção e grande originalidade. A combinação de texto e ilustrações que compõe o livro mescla o estilo de romance com uma narração de natureza autobiográfica, permeada por diversificadas e ricas imagens, textuais e iconográficas. São: cartazes de filmes, jornais, peças de propaganda política, fotografias, letras de músicas, hinos fascistas, canções, textos de livros, fragmentos de poemas, trechos de cartilha dedicada à alfabetização, cadernos escolares, figurinhas, objetos de uso doméstico, quadros, reproduções de páginas e capas de gibis – com seus inúmeros personagens, livros, muitos livros. Todos objetos biográficos que falam, pois são expressivos das densas e cotidianas experiências vividas e internalizadas pelo personagem central do livro, Yambo. São eles que o auxiliam, em seu denso e incerto mergulho em busca de sua memória episódica, de sua memória profunda, perdidas em um acidente cerebral.

Esses objetos, reencontrados no sótão e no porão da casa de campo de sua família, são referências para sua identidade social, mas aparentemente não conseguem se constituir como âncoras de sua autoconsciência. Consciência individual perdida, pois a recordação de gestos automáticos, hábitos, trechos de livros e até de paisagens, não correspondem a um encontro consigo mesmo, com sua personalidade, com sua intimidade, com sua identidade substantiva.

Em busca de sua memória individual, Yambo – alterego de Eco –, garimpa seu passado pessoal e reencontra valores, crenças, medos e alegrias que marcaram sua infância, sua adolescência e também a recente história da Itália, seu país. Reencontro permeado por idas e vindas, por alguns momentos de maior claridade e por outros de forte nebulosidade. Aliás, a metáfora da névoa, ora espessa, ora diluída, ora transparente, acompanha a construção do romance e se transforma em personagem crucial da narrativa de Eco.

A trajetória pessoal de Yambo, inserida nos quadros coletivos da história mundial e italiana, oferece ao leitor cenas e acontecimentos detalhados referentes ao período de 1930 a 1950, que corresponde ao tempo de sua primeira e de sua segunda infâncias. São anos em que a Itália viveu sob o signo da dominação fascista, da eclosão da segunda grande guerra, de bombardeios cotidianos e da esperança do imediato pós-guerra.

Ao se deparar, por exemplo, com caixas de fotografias amareladas e com um rádio, que era usado pela família nos tempos de reclusão rural, quando os horrores do fascismo e, em seguida das batalhas e dos bombardeios assolaram seu país, Yambo, revive, através da música daqueles tempos – escutada em uma velha radiola de 78 rotações – e da leitura simultânea de gibis, jornais e revistas, o culto a Mussolini; a violência dos camisas negras; a disseminação do medo entre os cidadãos italianos; as expressões de valores e crenças de anarquistas, católicos e comunistas; a chegada dos soldados aliados e as vicissitudes de uma Itália dilacerada por batalhas, pela destruição de sua economia e de sua agricultura e pela escassez de alimentos. Em meio a esse cenário de destruição, reencontra também a coragem e os sonhos dos *partigiani*, que lutaram na resistência e projetaram um tempo novo, alternativo ao tempo em que viviam, que era marcado por violência institucionalizada e por beligerância disseminada.

Todavia, a história de seu país flui como se não fizesse parte de sua memória individual. Aos poucos, retoma seu lugar no contexto social mais amplo, mas desprovido de passado pessoal, pois continua, por um bom período, a não se reconhecer, a não saber quem é. A experiência vivida é reencontrada nos objetos biográficos, nos arquivos familiares, mas não se concretiza, a princípio, em recordação reveladora de sua identidade. Os estímulos fornecidos pela variedade desses objetos – tudo fala: as paredes, os cômodos da casa, os móveis, o sabor de antigas receitas, os livros, as pinturas – colecionados, conservados e guardados por seu avô, fornecem-lhe os enredos das tramas familiar, social e nacional, mas não são, de imediato, suficientes para que ativar sua memória afetiva e seu auto-reconhecimento.

Yambo-Eco é um homem dotado de grande cultura literária e artística, que se dedica ao comércio de livros raros. É casado com Paola, tem duas filhas e três netos. Mas ao despertar em o quarto de hospital, não os reconhece, como não reconhece a si mesmo. Não sabe onde mora, não sabe quem são seus amigos, nem quem foram seus antepassados. Sabe quem foi Napoleão, consegue fazer contas, reconhecer os livros – raros e preciosos – recordar trechos de romances e de poemas, caminhar automaticamente pelas ruas de sua cidade. Sabe até disfarçar sua amnésia frente a outras pessoas. Mas a identidade e a lucidez pessoal parecem

perdidas. A realidade da consciência individual tornou-se para ele uma grande névoa. A névoa do esquecimento.

Na verdade, desde há algum tempo, com participação de Sibilla, sua bela assistente na loja de livros raros, Yambo, vinha pesquisando, em autores clássicos da literatura, textos sobre a névoa. E a mais profunda névoa de sua vida é a lembrança de Lila, o primeiro amor de sua adolescência. Imagem perdida e nunca reencontrada, nem nos momentos derradeiros de sua trama rememorativa quando, inclusive, já havia se recomposto sua memória pessoal. Lila era o apelido de Sibilla, seu amor adolescente. Sibilla, não sem razão, é o nome de sua auxiliar. As duas confundem-se em sua mente, em suas emoções e na busca incessante, através dos inúmeros amores que teve, ao longo de sua vida, do rosto e do signo vital de seu primeiro amor.

Umberto Eco nasceu em Alexandria, Itália, em 1932. É professor de Semiótica na Universidade de Bolonha. Dentre os muitos livros que publicou, alguns dialogam, de forma intensa, com a história. Dentre eles destaca-se, *O Nome da Rosa*, seu primeiro romance, publicado em 1980 (Prêmio Strega de 1981).

Para escrever *A Misteriosa Chama da Rainha Loana* realizou exaustiva pesquisa em bibliotecas, mercados de pulgas, antiquários, sebos, guardados de família. Procurou amigos da infância e da adolescência, representados no livro pelo personagem Gianni. Também se aventurou na elaboração de ilustrações. Conforme, expressão de Walter Benjamin sobre o trabalho da memória: “escavou o passado”. Os cacos a princípio desconstruídos formaram, finalmente, o mosaico da recordação, constituído por múltiplas cores e formas que representam a complexidade das lembranças e da aventura da vida.

O enredo do livro representa o paciente exercício de restauração realizado pelos que se aventuram nas trilhas da busca do autocohecimento, que é caminhada por veias profundas, por labirintos intrincados cujo desfecho é o possível, é o registro de experiências, o encontro da liberdade e, quem sabe, do apaziguamento da alma.

Dois fragmentos do romance, repleto de saudade, calor e emoções podem traduzir os estímulos que levaram Eco a escrever uma narrativa autobiográfica, vivida por seu personagem, Yambo.

Sobre o tempo assim manifesta-se o autor:

“Nós somos o tempo em que vivemos. Vivemos nos três momentos, da espera, da atenção e da memória, e um não existe sem o outro. Você não consegue se projetar para o futuro porque perdeu o seu passado.”

E sobre a recordação:

“Em suma recordar é reconstruir, com base no que soubemos ou dissemos tempos depois..Recordar é um trabalho, não um luxo. Alguém disse que a recordação age como uma lente convergente numa câmara escura: concentra tudo e a imagem que resulta é muito mais bela que o original.”

Belo, largo e emocionado é o novo livro de Eco. A princípio “pura névoa” traduz o encontro da realidade com a sensibilidade. De forma delicada e substantiva, demonstra que a fronteira entre o repertório das lembranças individuais e a memória coletiva é tênue, quase inexistente. O palácio da memória pessoal é, também construção da memória social e da memória histórica.

Notas

- * Professora Titular de História e do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais – PUC-MG Professora da UFMG Presidente do Conselho Científico da FAPEMIG